

ESTUDOS SOBRE O FENÔMENO FOLKCOMUNICACIONAL DO CARNAVAL DE SÃO JOÃO DA BARRA

BRUNO AZEVEDO DA COSTA¹, ORÁVIO DE CAMPOS SOARES²

CENTRO UNIVERSITÁRIO FLUMINENSE – UNIFLU
FACULDADE DE FILOSOFIA DE CAMPOS – FAFIC

Resumo: Contextualizamos o maior fenômeno cultural de São João da Barra: O Carnaval. Em meio à evolução tecnológica, às mudanças sociais, à massificação midiática, o carnaval de rua se mantém forte, tendo como carro-chefe os desfiles das escolas de samba “Congos” e “O Chinês”, numa rivalidade quase secular e com dias de entrudo no passado. Não recebem prêmios. A vitória fica no inconsciente popular. Não há celebridades. O povo é o grande protagonista.

Palavras-chave: Liberdade de expressão – Cultura raiz – Envolvimento social – Espetáculo – Mídia

INTRODUÇÃO

Apesar de sua universalidade, a Folkcomunicação, disciplina científica que tem como objetivo o estudo da comunicação popular e o folclore na difusão de meios de comunicação de massa, tendo sua denominação inicial, bem como seu conteúdo, criados pelo professor Luiz Beltrão, constituída como sistema de expressão cultural das classes subalternas ou dos grupos marginalizados, vem merecendo maior atenção por parte dos pesquisadores nos países de industrialização tardia. No caso emblemático do Brasil, a compreensão da sua resistência em território nacional gerou uma disciplina acadêmica, cujo estoque de saber tem sido útil para melhor integração da cultura popular com o sistema de comunicação massiva. São João da Barra, município localizado no norte do Estado do Rio de Janeiro, tem seu diferencial. O carnaval é contagiante. O carnavalesco é encontrado em todas as casas da cidade. Em São João da Barra todos são um pouco carnavalesco ou pelo menos assim se sentem. As torcidas são divididas em Congos e O Chinês. Quem não é Montechio tem que ser Capulleto. Além, desta rivalidade quase secular, onde não há premiação e sim a vitória na consciência de cada cidadão e

¹ Aluno do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo

² Professor-orientador e Coordenador do Curso de Comunicação Social da Uniflu-Fafic

turista, adentramos mais a fundo, nesta manifestação cultural que tem suas peculiaridades em São João da Barra, que tem o bloco quase centenário “Indianos” que ainda canta a sua marcha-rancho. Comparativamente, guardando as devidas proporções, o carnaval de São João da Barra não fica nada a dever ao carnaval da Marquês de Sapucaí, na capital do Rio de Janeiro.

Também vemos influência política, vereadores eleitos, escolas recebendo subvenções públicas. Havia apoio dos prefeitos antigamente, mas nada comparável agora, até porque o carnaval cresceu. O carnaval é feito pela massa, liderado pelo povo. É a massa popular que mantém a cultura local. O carnaval faz parte da cultura e do folclore de São João da Barra onde os participantes do carnaval não são como na capital que em sua maioria são celebridades, políticos e artistas. Em São João da Barra o visitante participa como mero coadjuvante. O impressionante é que o carnaval sanjoanense chegou a tal ponto de que a mídia espontânea pode ser vista a todo instante e a paga se restringe, principalmente à folheteria, para os foliões acompanharem a programação dos dias de folia. Não quer dizer com isso que o carnaval em São João da Barra não se “atualizou”, prova disso é que a juventude é participante. Deixamos de ter os ranchos e afins (“que saíram de moda”) e chegamos aos blocos puxados por trios elétricos, seus participantes vestidos com seus respectivos “abadas”. Já as belas fantasias que desfilam nas escolas de samba são expostas em festivais no exterior.

Na busca incessante por informações, o pesquisador tem que ter consciência de seu papel social no processo conceptivo e de documentação do material, além de sua popularização, como sendo uma etapa natural dentro um estudo semiótico da comunicação.

No ponto que diz respeito à divulgação dos resultados, Maria das Graças TARGINO (2001: 11) é concisa quando declara que:

“Pesquisa e divulgação de resultados são atividades inseparáveis, porquanto é a divulgação que garante a evolução da ciência. Se a comunicação científica, a princípio, restringe-se à comunidade científica, é função social do pesquisador em qualquer área, compartilhar os conhecimentos científicos com toda a sociedade ... divulgar resultados não é um complemento, mas uma das etapas essenciais do trabalho de investigação.”

Antônio Gramsci apud Daniel Torrales AGUIRRE (1989: 104) assinala que “a falta de identidade de concepções do mundo entre povo e escritor vem deste desconhecer os sentimentos populares e se abster de uma função educadora nacional. Ao aceitar esse desafio e estabelecer sua relação e compromisso com a cultura popular, o jornalismo científico deveria pesquisar ou beneficiar-se de investigações em torno dos hábitos de leitura das pessoas de poucos recursos econômicos (classe média baixa, operários), efeitos da classe social na vida dos indivíduos que compõem a sociedade, necessidades prioritárias de conhecimento, vias de acesso a ditos públicos mais viáveis, entre outras linhas a desenvolver”.

Quando direcionamos pensamentos para o ramo das tradições e cultura de um determinado povo, sabemos que vamos penetrar no sentimento mais profundo da alma daqueles cidadãos. Norma Felicidade L. da SILVA (1989/1990: 84) define cultura “como um conjunto de representações que o homem faz de si mesmo e do mundo, e que se constitui de costumes, de certo tipo de organização social, de produção de obras de arte e dos conhecimentos de ciência”.

Cultura e civilização, tomada em seu sentido etnográfico lato, é aquele todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, costumes, assim como todas as capacidades e hábitos

adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade como complementa Régis de MORAIS (1992: 23).

O processo cultural é, pois, um processo social e assim, um processo educativo. Todas as sociedades possuem cultura: as primitivas, as pré-letradas e as letradas, e a aprendizagem ocorre de diversas maneiras, como por meio do ensinamento direto, promovido pelas organizações intelectuais, escolas, universidades, igrejas, associações, resultando na cultura erudita. Outros aprendem pela apreensão informal, processada no cotidiano, no contato diário do homem com seu semelhante, resultando na cultura popular. Há, ainda, a cultura de massas, que resulta mediante a ação das culturas erudita e popular, produzida por uma complexa rede de empresas e veiculada pelos meios massivos de comunicação. SIGRIST (2000: 26).

Com estas expressões artísticas e folclóricas demarcadas em cada ponto deste enorme Brasil, “na tentativa de ativar o conhecimento sobre as manifestações culturais resultantes de fenômenos da sociedade, pesquisadores promovem e estimulam estudos na área da folkcomunicação”, Orávio de Campos SOARES (2004: 25).

Enraizado em suas tradições do dia-a-dia, o povo acaba criando a cultura popular. Esses agentes populares são capazes de criar instrumentos para informar fatos, exprimir idéias, satirizar ocorridos, produzir obras de arte na mais pura forma de manifestação folclórica. “A cultura popular pertence estruturalmente a uma classe social definida dentro do sistema de produção capitalista, que é o povo, com seus modos de pensar, agir e sentir e comunicar seu universo cultural. Aqueles que apenas têm acesso aos modos de produção capitalista e não posição de mando ou de influência”, Sebastião BREGUÊZ (2004: 33).

Roberto BENJAMIN (2004: 25) mostra seu ponto de vista em relação aos anais da cultura:

“O que hoje parece espontâneo, não passa de permanência daquilo que nos foi dirigido e imposto pela cultura hegemônica. Muito do que nós chamamos de genuíno, de espontâneo, de elemento da identidade brasileira, é fruto da re-interpretação, do aproveitamento, da hibridação trabalhada ao longo dos anos, com a sujeição aos fatores ecológicos e culturais e a assimilação das contribuições de outras etnias (...) até mesmo o idioma que falamos é fruto da expansão do império português, que nos foi imposto com a proibição do uso e especialmente com a proibição do ensino das línguas aborígenes.”

Os contatos entre culturas distintas não são coisas recentes; muito ao contrário, remontam a eras muito antigas. De modo que há muito tempo o homem descobriu as diferenças idiomáticas, de hábitos alimentares, de crenças religiosas ou estruturas de parentesco; as diferenças são velhas conhecidas do ser humano (MORAIS, 1992: 23).

No Brasil, as tradições das folkcomunicações ainda estão muito presentes, e analisá-las é o mesmo que pontuar os cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se mesclam. (SCHMIDT, 2004: 41).

O carnaval de São João da Barra deixou para trás as marchas-rancho, os bailes carnavalescos de clubes, a ornamentação artesanal, blocos e blocos... os mascarados estão diminuindo. Isso sem contar com a penetração feroz das músicas baianas e eletrônicas e a invasão dos abadas. Em meio a tudo isso, a rivalidade entre Congos e O Chinês se mantém viva desde a década de 30, as sátiras continuam fortes e criativas, as bandinhas de carnaval têm seu lugar de destaque, o bloco Indianos se fortalece a cada

ano, o concurso de máscaras e dominós agrega inúmeros participantes, as brincadeiras de rua confraternizam os foliões, a tranqüilidade cultiva a fama de cidade pacata desde os primórdios, os confetes e serpentinas ainda fazem a festa pelas bandas sanjoanenses. Isso sem contar o resgate da marchinha através de um concurso musical.

Neste contexto, o próprio BENJAMIN (2004: 28) desperta para a importância de se estimular nichos onde a cultura popular se mantém viva:

“No caso das pessoas e grupos que se mantêm na resistência cultural, cabe ao estudioso do folclore estimular-lhes a auto-estima e a conscientização da importância das manifestações culturais dos grupos, utilizando inclusive os meios de comunicação de massa para conscientizar a comunidade envolvente sobre a sua importância, destacando o caráter único por ser tratar de uma variável local. É da mais absoluta necessidade a preservação do suporte material para a garantia da continuidade de realização dos bens imateriais.”

Folkcomunicação: a identidade dos marginalizados

Quando Luiz Beltrão estudou o ex-voto como veículo jornalístico, de uma forma a analisar profundamente essa manifestação da comunicação na cultura popular, arredio à comunicação de massa, ele mostrou que o povo, ali, transmitia e expressava suas opiniões.

Segundo Severino Alves de Lucena FILHO (2004: 56), o ex-voto é uma maneira de agradecimento que faz o fiel a algum santo ou divindade pelo restabelecimento de uma doença, uma boa safra, um bom casamento, a compra de uma casa, por deixar de beber, por ter passado nos exames finais, e até mesmo, pela cura de um animal de estimação. E acrescenta:

“Devemos dar visibilidade ao ex-voto no tocante ao seu valor antropológico, social, artístico, cultural e de veículo de comunicação popular. Como veículo de comunicação popular nos ex-votos o povo conta a sua história através de peças feitas em madeira, barro, pano, pedra-sabão, como também em bilhetes, cartas, fotografias e até mesmo em orações publicadas em jornais. Luiz Beltrão no seu estudo sobre o ex-voto como veículo de comunicação popular, considera-o um agente de linguagem do povo e dos seus sentimentos”

Para José Marques de MELO (2004: 14), em termos gerais, pode-se dizer que folkcomunicação é comunicação em nível popular. Por popular deve-se entender tudo o que se refere ao povo, aquele que não se utiliza dos meios formais de comunicação. Mais precisamente: Folkcomunicação é a comunicação através do folclore.

“Se o Folclore compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas, a Folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural. Esta era, pelo menos, a compreensão original de Luiz Beltrão, que a entendia como processo de intermediação entre a cultura das elites (erudita ou massiva) e a cultura das classes trabalhadoras (rurais ou urbanas)” (MELO, 2004: 11).

Por toda essa magnitude que as camadas populares oferecem em termos culturais e sua forma de se comunicar, como meio também de educarem, a Folkcomunicação é, sem dúvida, um mecanismo para estudar todos esses fenômenos folclóricos, “pois é tempo de não continuarmos a apreciar nessas manifestações folclóricas apenas os seus aspectos artísticos, a sua finalidade diversional, mas procurarmos entendê-la como a linguagem do povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir, tantas e tantas vezes discordante e mesmo oposta ao pensar e ao sentir das classes oficiais e dirigentes (BELTRÃO, 2004: 118).

Segundo Severino Alves de Lucena FILHO (2004: 59), a Folkcomunicação ensinada e pesquisada na universidade brasileira tem dado como resultado, a publicação de estudos resultantes de trabalhos de campo, de reflexões teóricas e das aplicações de metodologias próprias da pesquisa.

A cultura popular, em grande parte, já está acoplada à poderosa cultura de massa, através da mídia que absorve símbolos e imagens enraizados nas tradições nacionais e convertendo-os em mercadorias para o consumo de multidões planetárias. Desta forma, esse folclore midiático, projeta cultura, muitas vezes, secular para o novo mapa mundial.

Em Cadernos da Comunicação 17 – Folkcomunicação: a mídia dos excluídos (2005: 50), os organizadores remetem à reflexão da folkmídia:

“os espaços ocupados pelas tradições populares na agenda midiática contemporânea correspondem a iniciativas destinadas a preservar identidades culturais ameaçadas de extermínio ou estagnação, quando confinadas em territórios pretensamente inexpugnáveis. Mas funcionam também como alavancas para a renovação dos modos de agir, pensar e sentir de grupos ou nações que, empurrados conjuntamente para o isolamento mundial, refluem à incorporação de novidades”

O surgimento do carnaval

As lacunas históricas da humanidade não deixaram de fora a origem do carnaval. São suposições, discussões, mas nada com exata precisão. Textos antigos registram que o carnaval nasceu há dez mil anos antes de Cristo (segundo o livro “Síntese da história do carnaval carioca, 1986: 9), marcando sua primeira manifestação nos cortejos de homens e mulheres mascarados que, na Antiguidade, saíam às ruas, invadiam casas e exorcizavam os demônios. Era uma manifestação do culto agrário. Para outros autores, o carnaval se inicia com o paganismo, nas festas dedicadas à deusa Íris e ao Boi Ápis, no antigo Egito.

Outros ainda afirmam que o carnaval se originou nas Saturnálias, realizadas em Roma, de 17 a 19 de dezembro, quando a sociedade enlouquecia, praticava desvarios e todos comiam à vontade, em fartas mesas arrumadas em frente às casas. Sabe-se que nos primeiros anos do Cristianismo, o carnaval durava de trinta a quarenta dias, de sete de janeiro à terça-feira gorda.

Para o estudioso do assunto, Felipe FERREIRA (2004: 15), a origem da festa carnavalesca “está coberta de mistérios e controvérsias. Alguns afirmam que ela teria surgido nos ritos agrários das primeiras sociedades de classes, outros preferem considerar que a folia aconteceu no Antigo Egito ou na civilização greco-romana. O certo é que existem referências ao termo “Carnaval” a partir do século XI, quando a igreja decide instituir o período de Quaresma. Daí em diante, a festa vai tomar várias

formas até que, no século XIX, a burguesia parisiense “inventa” o Carnaval tal como o concebemos atualmente”.

Começa, então, toda uma construção histórica do carnaval, sendo determinada pela diversidade de brincadeiras de cada região, muitas vezes ligadas aos costumes das antigas festas pagãs que geralmente contavam com a presença de pessoas mascaradas e fantasiadas, além daqueles que se disfarçavam de animais selvagens com o objetivo de assustar os espíritos mortos que se acreditava rondavam pelo mundo naquele período do ano.

Agregam-se a essas brincadeiras, peças teatrais, contos e poemas humorísticos marcando anos de carnaval, principalmente as peças que trazem a Batalha entre a Quaresma e o Carnaval, tendo de um lado a magra e triste Quaresma e do outro o gordo e bonachão Carnaval. Diretamente ligados a esse contexto carnavalesco, os jovens foram figuras importantes na construção de uma filosofia do Carnaval, formando inclusive, as sociedades carnavalescas do período medieval. Essas sociedades criavam brincadeiras e satirizaram, principalmente os casais da cidade ou do bairro onde se encontravam, chegando muitas vezes, a encenar peças ou esquetes difamatórios durante os dias de carnaval. A aproximação entre as sociedades e os governos das cidades acabaria por transformar as brincadeiras carnavalescas em eventos mais organizados.

No período renascentista a festa carnavalesca tornou-se mais sofisticada e elitista, como os bailes, as óperas e os mascarados venezianos, além dos bailes nos salões reais da França, de Luís XIV, monarca copiado por todo o ocidente. Com essa proliferação do carnaval elitista, foi cada vez mais se afastando ao perfil do Carnaval popular. Por sua vez, um grupo de atores profissionais do teatro, criaram a Commedia Dell’Arte, uma forma de diversão bastante difundida entre as camadas populares durante todo o ano, principalmente no carnaval, com assuntos atraentes para as brincadeiras carnavalescas, criando personagens originais como Pulcinela, Pantaleão, Capitão Espavento e o trio mais famoso: Pierrô, Arlequim e Colombina.

“O costume de se comemorar o tempo do adeus à carne iniciado pela gente do povo lá no século XII deixava de ser aquele evento quase exclusivamente popular de então e passava a se incorporar a outros extratos da sociedade. (...) mas os festejos do carnaval do povo não haviam desaparecido, eles continuavam vivos, tanto no mundo rural quanto nos centros urbanos. Entretanto, diferentemente da elegante folia dos salões de nobreza, a festa das ruas continuava tensa, disputada e cheia de enfrentamentos. (...) procurando reagir a essas provocações, a elite de então elaborou um outro discurso sobre a festa popular (...) procurava associar à idéia de loucura e irracionalidade (...) seria um sinal de primitivismo.”

Os tempos foram passando e as influências carnavalescas foram se disseminando pelo mundo, de acordo com o poder político dos países, com é o exemplo da primeira metade do século XIX, onde Londres e Paris disputavam a hegemonia mundial. A França, nesta época napoleônica, introduzia cada vez mais um carnaval de elite, nos salões sofisticados na forma de pomposos bailes à fantasia. Vale ressaltar que o carnaval de rua, da grande camada popular, continuava firme em sua essência, mas sendo desconsiderado pela burguesia dominante. FERREIRA (2004: 66) esclarece:

“De um lado, a elite, que inventa o próprio significado da folia e procura impor a festa imaginada por ela como única e verdadeira, de outro lado, as camadas populares,

divididas entre a atração pelos fascinantes eventos que a elite propõe e o saudável impulso da esculhambação”

Diferentemente das brincadeiras da Itália e França, o entretenimento carnavalesco de Portugal adquiriu características próprias, voltado principalmente para as lambanças e pelo consumo das famosas filhoses – doce frito, feito com ovos e farinha. Em terras lusitanas, o Entrudo era uma forma de brincadeira bastante agressiva e que será trazida ao Brasil pelos portugueses que aqui vieram colonizar as terras do Novo Mundo.

“O jogo do Entrudo seria, durante muitos anos, a forma mais difundida de se brincar durante os dias de Carnaval em terras brasileiras. Seja em Porto Alegre, Florianópolis, Salvador, Fortaleza, Recife, São Paulo ou Rio de Janeiro, o costume de lançar águas, pós de todos os tipos, cinzas líquidos imundos ou perfumes sobre quem passasse por perto tomava conta de boa parte da sociedade nos três dias dedicados às brincadeiras carnavalescas. Durante séculos os brasileiros divertiram-se com o jogo do Entrudo nos dias de Carnaval.” (Felipe Ferreira, 2004: 74)

A evolução do carnaval brasileiro

Historicamente, o carnaval brasileiro é datado em períodos coloniais. “Os escritores Max Fleiuss e Gastão Cruls assinalam como percussora dos festejos carnavalescos a grande festa de aclamação de D. João IV, em 1641, promovida pelo governador Correia de Sá, no Rio de Janeiro, contanto com apresentação de espetáculo cômico e vários folguedos populares” (Síntese da história do carnaval carioca, 1986: 11).

De acordo com relato de Leonardo Dantas Silva, em sua introdução à Antologia do Carnaval do Recife, que localizou o primeiro registro de que se tem notícia sobre o Entrudo no Brasil nas Denúncias do Santo Ofício em Pernambuco. De acordo com o texto, em 10 de novembro de 1593 um certo Diogo Fernandes e Branca Dias, moradores do Engenho Camarajibe, perto da cidade de Olinda, dera de comer algumas tainhas secas a seus trabalhadores, numa terça-feira de entrudo. O denunciante prossegue afirmando que o mesmo casal reunira sua gente durante a quarta-feira de cinzas e oferecera a todos, como alimento, uma grande porca abatida naquele dia. As referências à obediência às restrições alimentares da Quaresma no Brasil e ao dia de Entrudo permitem supor que algum tipo de festividade já acontecia por aqui em 1553, no período de Carnaval (Felipe Ferreira, 2004: 79)

E foi através do entrudo que o carnaval se firmou nas terras brasileiras. Os elementos de brinquedo nos entrudos eram polvilho, pó-de-mico, esguichos de água, cal, vassouradas e golpes de porretes e de outros instrumentos usados para acertar os desprevenidos. Os escravos aproveitavam esse filete de liberdade para criticar os senhores. O livro Guia do carnaval de rua do Rio de Janeiro (2007: 09) nos dá mais informações sobre essa brincadeira que inicia o carnaval brasileiro:

“Esse divertimento (...) consistia basicamente numa “guerra” travada com água e outros materiais, como farinha e ovos, vinha animando (...) numa versão mais refinada, a água era inserida em pequenas bolas de cera moldadas a partir de limões ou laranjas,

chamadas de limões-de-cheiro.(...) a brincadeira contava então com o apoio de ninguém menos que a família real. Dom Pedro II era um dos maiores fãs da entrudada. Conta um jornal inglês The Anglo Brazilian Times, em 1882, que sua Majestade em pessoa se envolvia na batalha “feroz e mortífera”, mandando desafios às famílias amigas, liderando as forças imperiais supridas de farta munição, atirando e recebendo, nas escadas, projéteis diversos e as inevitáveis molhadeiras: as bisnagas espirravam água perfumada sobre quem passava; os ovos e os limões de cheiro voavam em nuvens, e a casa tiro certo correspondiam gargalhadas certas”.

A vinda da família real para o Brasil influenciou diretamente essa mudança de perfil, além do que a França era uma potência da época que deveria ser almejada e copiada, e D João VI, como forma de civilizar o povo brasileiro, trouxe para cá pintores, escultores, gravadores e arquitetos franceses que deixariam suas marcas em nossa cultura. Assim, os bailes à fantasia restringiam-se à burguesia e ao seu restrito círculo de convidados anfitriões.

Gradativamente o carnaval brasileiro ia se aperfeiçoando. As elites fundam as sociedades carnavalescas que em pouco tempo se organizam nas principais cidades brasileiras. De máscaras desfilavam pelas ruas até os seus bailes privativos e se tornavam os alvos prediletos dos entrudistas. O entrudo, mesmo proibido por lei, condenando o praticante à prisão, ou açoite no caso de escravos, ainda estava presente em nosso carnaval. A elite não conseguia acabar com aquela brincadeira “antiga”. Resolveram, então, desfilar pelas ruas, estabelecendo um itinerário apreciado pelo povo, feito pela primeira vez em 1855 pelo Congresso das Sumidades Carnavalescas.

Por ser a capital do Brasil na chegada da família real, o Rio de Janeiro se fazia pioneiro em diversos aspectos carnavalescos. Segundo a “Síntese da história do carnaval carioca” o primeiro baile de máscara documentado data de 1840 e foi realizado no Hotel Itália, depois cinema São José, situado na Praça Tiradentes, hoje demolido. E continua:

“Em 1846, documentou-se outro famoso baile de máscaras, realizado no Teatro São Januário, promovido pela atriz Clara Delamastro. Neste mesmo ano surgiu a Sociedade Constante Polca (...) O próprio Teatro Imperial D. Pedro II foi inaugurado, em 1871, com um monumental baile de máscaras”(1986:15)

A musicalidade tomava conta do carnaval carioca, principalmente nos cordões que no início do século XX chegavam a duzentos grupos.

“Em 1885 surgem dos dois primeiros cordões do Rio de Janeiro: Flor de São Lourenço e os Invisíveis de Mestre Valentim. Já no ano seguinte apareceu o Cordão Estrela da Aurora e mais tarde, em 1893, os Teimosos Carnavalescos (...). Em 1899, Chiquinha Gonzaga compôs a marcha “Ô abre alas”, para o Cordão Rosa de Ouro, que ensaiava em frente à sua casa. Foi a primeira composição nacional de características carnavalescas.”(Síntese da história do carnaval carioca, 1986:20)

O Rio de Janeiro passava a assumir o carnaval como algo genuinamente seu e contando com o apoio da intelectualidade brasileira, bem no fervor da Modernidade, absorvendo musicalidades e costumes de várias regiões brasileiras. Folias de reis, pastoris e ranchos natalinos conviviam perfeitamente com zé pereiras, cucumbis e bandas marciais. Esta variedade e riqueza das manifestações brasileiras tornam o carnaval carioca um agente civilizador e um resumo da cultura brasileira de raiz

popular. O poder “civilizador” do carnaval deixa de ser aquele exercido pela folia da elite e passa a ser considerado aquele apresentado pelo povo, enquanto o desfile das sociedades passa a ser visto pela intelectualidade como imitação europeia, cultura exógena. O carnaval carioca influenciaria diretamente no surgimento dos clubes de frevo em Recife e dos afoxés em Salvador.

A imprensa brasileira além de divulgar maciçamente o carnaval, ainda deu sua contribuição realizando concurso entre grupos carnavalescos. Em alguns concursos eram premiados os mais ricos em conjunto, a melhor harmonia e o mais artístico estandarte. Chegou um momento que os jornais organizaram desfiles a olhos de uma comissão de jurados que definiriam os melhores ranchos de acordo com sete quesitos: conjunto, harmonia, enredo, arte e originalidade, estandarte, evolução ou manobras e comissão de frente.

O carnaval de São João da Barra

O carnaval sanjoanense remonta do século XIX, quando os bois pintadinhos, as bem humoradas críticas a fatos sociais e os mascarados desfilavam pela cidade. Em 1905, foi a primeira vez que houve notícias que um cordão carnavalesco foi para as ruas, com fantasia de papel crepom colorido, cantando a primeira marchinha da história brasileira “oh, abre alas”, de Chiquinha Gonzaga, segundo matéria do colunista social, Wilson de Oliveira, no jornal Monitor Campista, de 28 de agosto de 2005.

São João da Barra sempre manteve a marca de ser possuidora do melhor carnaval do interior do Estado do Rio de Janeiro. Isso se deve à abundância de atividades momescas, principalmente o carnaval de clubes, que se destacavam o Clube Democrata e o Clube União dos Operários, ambos oriundos do desdobramento de duas bandas de músicas da cidade criadas no final do século XIX: a Lyra de Ouro, que deu origem à Lyra Democrata, e a Lyra de Ferro, que deu origem à banda musical União dos Operários.

Desde esta época os carnavalescos acirravam sua competitividade e pareciam resgatar o entrudo, como citado no livro “Apontamentos para a história de São João da Barra”, de João Oscar do Amaral PINTO (1977:78)

“Nem sempre foi pacífico o relacionamento dessas duas entidades. Na década de 1910, acirraram-se os ânimos a tal ponto que houve um incidente de consequências quase fatais, na Rua Direita, entre os senhores Francisco Feitosa, do Democrata, e José narciso, dos Operários”.

Neste início de século houve uma efervescência de agremiações carnavalescas como o bloco dos “Periquitos”, fundado em 1908, além do bloco dos “Conchas”, ligado ao Clube Democrata, e o bloco dos “Caçadores”, vinculado ao Clube União dos Operários, ambos fundados por volta de 1910.

João Oscar complementa a rivalidade entre os blocos Democrata e Operários, mostrando que a aristocracia estava ao lado do primeiro que tinha o azul, preto e branco como cores que o simbolizavam. O outro lado tinha as cores verde, vermelho e amarelo preponderantes. Os grupos acabaram se devorando no calor das lutas carnavalescas que se restringiram aos salões.

Carlos SÁ (1995:72), em Zériques – um jornalista político na província fluminense, mostra que o folião que dá nome ao livro sempre gostou de carnaval, organizava blocos, compunha letras para foliões cantar, e pouco antes de morrer ainda incentivava os carnavalescos.

“O memorável carnaval de 1913 foi, por assim dizer, feito por ele, então presidente do Clube Democrata. Ele gostava tanto desse clube e do carnaval que, em 1930, muito doente, afirmava que se pusessem o Democrata a desfilar, ele se levantaria para vê-lo passar. Folião animado, saudava o carnaval pelas páginas de seus jornais e a única coisa capaz de aborrecê-lo era a água cheirosa (ou fedorenta) lançada de bisnagas, limões de cera e baldes, ensopando os passantes.”

O livro escrito por Carlos Sá ainda retrata uma passagem publicada pelo jornal S. João da Barra, de 31 de janeiro de 1883.

“O Carnaval é uma das festas que mais aprecio, por ser nessa ocasião que uma grande parte da humanidade muda a cara e afinal fica com a mesma, razão pela qual se costuma dizer de qualquer sujeito que com uma cara só desempenha diversos papéis no imenso teatro da vida: aquilo é um tipo carnavalesco.”

A abundância dos blocos não pararia por aí. Surgiriam ainda os blocos “Saldanha”, “Sempre-Vivas” e Magnólias, por volta da década de 1920. Posteriormente, viriam os “Marujos”, “Coração da Morena”, “Os Velhacos”, os “Indianos”, “Escola de Samba Tamborim de Ouro e o bloco “União das Flores. O único bloco que sobreviveu aos tempos foram os “Indianos”. Ele continua bloco e cantando marcha-rancho.

Por volta de 1934/35, o agente funerário Luiz Malvino criou os Indianos que saiu de sua própria residência e fábrica de caixões, na rua do Rosário, bem em frente à sede dos Congos. O bloco desfilou com sol a pino, num dia de calor, animado talvez com algumas doses e conhaque, onde todo mundo estava pintado de preto, palhões na cabeça, na cintura, nas pernas, em toda parte. Durante um bom tempo o bloco utilizava pólvora para dar efeito ao desfile, no entanto houve um acidente fatal com um menino no bloco e acabaram suspendendo o efeito especial e o bloco ficou alguns anos sem sair e voltou tendo como presidente Quinzinho Moreira. O bloco não recebe subvenção da prefeitura, mas é um dos mais animados do carnaval onde os foliões compram suas roupas de índios. Sua marcha-rancho talvez seja a mais conhecida dos sanjoanenses e turistas.

“Chefe indiano não chora | Tenha fé, tenha esperança | Aguenta mão rapaziada | Quem espera sempre alcança | Sou indiano, sou indiano | Somos guerreiros, somos guerreiros | Fazemos macumba, fazemos macumba | Em qualquer terreiro | Chefe indiano, interesseiro | Afirma ponto e desmancha ponto | Em qualquer terreiro.”

Em 1987, surgia a escola de samba Unidos da Chatuba, criada por Ivair Gomes da Silva e Benedito Gregório e desfila até hoje todas as segundas-feiras. Em 2001, surge a escola de samba Trinca de Ouro, que desfila em Barcelos, sexto distrito de São João da Barra.

Mas os clubes carnavalescos mais importantes são Congos e O Chinês, os maiores responsáveis pela beleza coreográfica do carnaval sanjoanense, em função da riqueza de suas fantasias de destaque, de seus grandiosos carros alegóricos, de seus assistas e bateria, das beldades que os compõem e da animação de seus torcedores, alguns, inclusive, levados à raia da empolgação e paixão. Curioso é que não existe premiação e sim, uma vitória moral perante o grande público que lota a avenida Joaquim Thomaz de Aquino Filho.

Segundo João Oscar, o bloco Congos teria surgido em 1932, na casa de um de seus fundadores, o José Gomes Teixeira, chamado de “Tuiú”. Seus fundadores foram, além de Tuiú, Manoel de Souza (Perna), Manoel Barreto, Dimas Peixoto, Manoel Alves de Azevedo (Minzinho), João Batista Valiengo, Domingos de Souza Pinto, Manoel Januário de Assis, Roger de Souza Malhardes, Pedro e Arlindo Fernandes Gomes, Lauro Nunes (Pombo). O nome, ao que se sabe, surge dos foliões terem se pintado de pretos e confundidos com população africana do Congos.

Congos teve o mérito de realizar o I Festival de Música Carnavalesca, em 28 de fevereiro de 1973, consagrando-se campeã, a música “Aplauso de Congos”, de Roque de Souza Rangel, cuja letra é a seguinte:

“Ó nosso Congo querido | Sai das ruas pra mostrar nossos rivais | Com nossas lindas fantasias | Temos sido campeões de grandes carnavais | Não é preciso brigar, nem adianta chorar | Cantando eu sei que o Congo está pra frente | Ele é mesmo de abafar | Com amor, com coragem e alegria | Pra dar força o carnaval dos três dias de folia.”

Surgido em 1933, o clube “O Chinês” teve como seus fundadores Joaquim e Adrião Gaiato, Júlio Silva, Joaquim dos Santos Ramos (Quincas de Biza), João Batista de Almeida (João Camilo) Coriolano Henriques da Silva, Manoel Vital, Antônio Marques dos Santos, Agapito Ferreira Maia. O nome, ao que se sabe, surge por um dos foliões ter saído de chinês. Por isso nome no singular “O Chinês”.

O jornal Evolução, de 19 de fevereiro de 1939, mostra a grande rivalidade entre os dois clubes.

“Clube Congos terá guerreiros – O clube Congos, muito animado, sairá no carnaval com uma alegoria intitulada “A Guerra e a Fome”. Seu préstito caracterizará uma alusão ao passado. À frente, um par luxuosamente trajado fará exibição coreográfica, empunhando o estandarte vitorioso com as iniciais B.C.C”

“O Chinês deve ganhar – O Chinês, que espera vencer, é o bloco carnavalesco do Quincas de Biza, e isso pelo fato de estar na moda, no carnaval de 1939, a cor amarela”

A mesma edição do jornal nos remete novamente à época:

“É indescritível o ardor carnavalesco – característico do povo de S. João da Barra, que vivem os Chineses, Congos, Marujos e outros blocos menores da cidade. O ativo delegado de polícia que se precavenha contra os “encontros” do Biza e do Amédio, Batista Galo e Manoel Januário, Amaro e Luiz Malvino, etc”

Outro famoso carnaval sanjoanense foi do ano de 1976. O jornal Folha Nova disse que o povo de São João da Barra promoveu o maior carnaval do Estado. Mais de dez mil carros de visitantes enchiam as ruas transversais à avenida Joaquim Thomaz, todo mundo sambando, o tradicional dominó e a máscara fizeram presença, Congos e Chinês na eterna disputa, com a beleza de sempre, nem vencido nem vencedor. Destaques dignos de qualquer desfile de fantasias. Carnaval para brasileiro nenhum botar defeito.

João Oscar do Amaral PINTO já mostrava em seu livro (1977) a nítida perda da característica de origem para se transformarem em escolas de samba. O autor cita no carnaval de 1976 as marchas-rancho das duas escolas, e possivelmente, duas das últimas marchas que dariam lugar ao samba.

No clube Congos “A vida continua”, com letra e música de Jack Ferreira de Azevedo:

“Bate o surdo ao som do clarim | Carnaval, carnaval é assim | Lenitivo que abafa a tristeza | Sempre atraí a saudade em mim | A estrela subiu | Todo o povo sentiu | Alegria, alegria, é o que ela pediu: | - Bota o meu Congos na rua | Porque a vida continua

João Oscar disse que com esta bela e comovente marcha-rancho, o Clube Congos homenageou uma de suas mais ardorosas entusiastas, a sra Eloína Pinto Serra, que faleceu em 1975. No clube Chinês “Uma Rosa com Amor”, com letra e música Eleacir Cajueiro:

“Joguem uma rosa com amor | Não nos joguem pedras, não senhor | Foi no jardim chinês | Que colhemos esta rosa | E trouxemos pra você | Vejam esta nova curtição | Pois o verde e amarelo | Representam o campeão | La, la, la, la, etc”

Nem só de marcha e samba se montou o carnaval sanjoanense. Uma de suas marcas estava nas brincadeiras de rua, sátiras e principalmente nas críticas, sendo a mais famosa a do “Enterro”, em 1962, que deu uma enorme repercussão. A crítica foi organizada por Adcir Maia Corrêa, José Bento Gomes Ferreira, Eraldo Alcântara, Mildo e Miro Cunha e outros, que satirizavam a autoridade local.

“Foi tão grande a repercussão desta crítica que depois do carnaval, boletins agressivos foram distribuídos na cidade, uns contra e outros a favor. (...) um boletim anônimo foi assinado por “um sanjoanense livre que tem vergonha” e dizia: como venho fazendo todos os anos, fui passar o carnaval na minha terra querida, São João da Barra. Quando maior era o entusiasmo dos foliões, eis que aparece um enterro simbólico, que só pode ter sido idealizado e executado por uma canalhada que insiste em colocar nossa terra no nível das mais atrasadas do mundo. A resposta dos promotores da brincadeira foi no mesmo diapasão: de início, digo que este covarde deseja ver São João da Barra na desgraça. O enterro foi idealizado por nós com a colaboração de uma juventude honrada, de moral muitíssimo elevada e que quer ver S. João da Barra caminhando para o progresso (...) Outra mentira foi que um vereador custeou as despesas. Todos que participaram do enterro, ou seja, aqueles que saíram de terno escuro e gravata preta, em traje de viúva, de e coveiro, de padre, colaboraram com determinadas importâncias para que pudessemos pagar as despesas”.

Outra crítica que ficou marcada, “O petróleo de São João da Barra” saiu no ano de 1975. A ideia veio depois da recém descoberta de petróleo em nossa região e Campos se dizia dona deste bem natural. Um grupo de amigos resolveu botar a crítica na rua, tendo montado uma mini plataforma com torre que jorrava óleo e fizeram a música, composta por João Oscar:

“Você pensa que petróleo é cana | Petróleo não é cana não | Petróleo é de São João da Barra | Você não tem petróleo não | Campos sempre tira o que é nosso | Farinha, praia e sol | Mas chegou a hora da desforra | Seu petróleo é só Farol”

Outro fato interessante é que as reclamações da telefonia de hoje já eram questionadas no passado. A crítica da Telerj, de 1979, foi feita porque a empresa havia puxado os cabos da telefonia para São João da Barra, mas nunca que instalava quaisquer telefones. A crítica veio a pressionar o pedido de instalação dos mesmos. Sábia inatividade de Zinho, foram elaborados enormes aparelhos de

telefone e Nonozinho (Agenor Pinto) fez um carro da Telerj movido a pedal. Poucos dias depois a empresa instalou as linhas.

As críticas ao sistema bancário também são de época outrora. Em 1980, os foliões colocaram na rua a crítica “único banco” já que na cidade só existia o Unibanco e que tinha tratamento diferenciado, numa nítida discriminação.

“Banco, banco, banco | Este banco é uma graça | Banco, banco, banco | Ele fica ali na praça | Tem fila no INPS | Tem fila no Funrural | Rico entra pelos fundos | E pobre, só falta entrar no pau.”

E quando falamos em carnavalescos, um dos nomes mais notáveis que vem à mente é de Coriolano Henriques da Silva, o Cori.

“Se, pelo carnaval, os torcedores dos Congos dele se queixavam –do artista – evidentemente, não da pessoa – era porque os carros alegóricos que criava já saíam inesquecíveis da sua imaginação, ou quase invencíveis, pois era bem difícil para os Congos vencer um duelo com o seu rival quando o velho Cori se encontrava à frente do barracão chinês.”

Notadamente não poderíamos esquecer de Nonô Carcereiro que era mestre em brincadeiras de carnaval. Saía de mulher quase uma semana antes do carnaval. Brincou de Madame Joly, saía de múmia do Egito. Mildo Cunha e João Oscar eram companheiros de brincadeira, tendo sido marcada a brincadeira da televisão, com Mildo de “Chacrinha” e João Oscar de “Chacrete”, falavam da vida alheia com versos e rimas extravagantes.

Outro grande folião já falecido, mas que concedeu entrevista ao Monitor Campista, em 26 de fevereiro de 2006, contribuindo para vislumbrarmos o cenário de época, foi Patrício da Silva Novas, o “Novas”, um dos fundadores do Chinês e do Indianos, que aos seus 92 anos disse:

“Sou do tempo onde a avenida do samba ainda era no chão. Mesmo cego ainda ficou em frente a minha casa ouvindo e sentindo o movimento dos dias de folia. Antigamente, nos blocos só desfilavam homens. Eu já saí muito como porta-estandarte e baliza. Na roupa, usávamos umas trancinhas penduradas. A bateria era composta por tambor e caixa, e a música era marcha-rancho.”

Novas, na mesma entrevista, lembra dos grandes momentos de rivalidade entre congoleses e chineses.

“Saíamos na avenida principal e não podíamos nos encontrar, senão dava briga. Hoje em dia não dá mais tanta rivalidade. Antigamente as pessoas brigavam de verdade. Eu mesmo briguei muito.”

E assim o carnaval sanjoanense foi ganhando notoriedade em todo Estado. A famosa revista de São Gonçalo “A Gaivota”, em sua edição 222, de março de 1976, faz uma cobertura completa do carnaval sanjoanense, principalmente o carnaval de clubes.

“Geraldo Beirute, que ano passado deu o melhor carnaval do Democrata, repetiu este ano a façanha, tendo os foliões brincado num ambiente alegre, mas calmo, acolhedor e bem organizado. No Democrata, notou-se essencialmente a presença da juventude, que soube se divertir sem infringir os bons costumes. Este clube tem um carnaval bem popular, já tradicional e sabendo recepcionar os que o visitam.”

Para o Atafona Praia Clube, a revista também reserva espaço para mostrar a animação dos foliões sanjoanenses e turistas, enfocando seu lado elitista.

“O Atafona Praia Clube tem o condão de reunir a nata da sociedade daquela região nos aristocráticos salões da sede. A afluência de foliões que ali vão extravasar sua alegria é enorme. Ali compareceu no reinado da folia uma enorme frequência que à base do bom whisky se divertiu a valer. (...) O Clube merece um destaque por vários itens, e por isso está incluído na nossa relação dos melhores do carnaval de 1976.”

Considerada a melhor decoração daquele carnaval de 1976 pela revista “A Gaivota”, o Grussaí Praia Clube, através de seu presidente Andral Tavares, levou uma decoração de luxo, estava de muito bom gosto e sua música animou bastante os foliões.

“O carnaval do Grussaí, sob o comando de Andral Tavares, foi de primeira ordem, com muita animação e muita gente jovem e bonita. Também no Grussaí os turistas fizeram sentir sua presença, notadamente vindos do Espírito Santo e Rio de Janeiro. As quatro noites de folia foram realmente espetaculares e reuniu muita gente de outras paragens. Como de costume não faltaram bonitas mulatas, que são o toque mágico do carnaval brasileiro.”

Mas como tudo não são flores, o jornal Tribuna Sanjoanense, em sua edição de 04 de março de 1979, estampa em sua capa “Povo salva a folia. Congos e Chinês dão vexame”. Fato este referente ao “entrudo” que se arrastava até aquele período com o fervor da rivalidade entre Congos e Chinês. Em seu editorial, Paulo Noel Berto Filho comenta o ocorrido.

“No desfile dos blocos Congos e Chinês, responsáveis pelo êxito do carnaval sanjoanense, a falta de um policiamento ostensivo e o fanatismo exagerado de integrantes das duas agremiações carnavalescas, acabaram por transformar a rua Joaquim Thomaz de Aquino Filho (principal avenida para os desfiles) em um campo de batalha, com agressões físicas e verbais. O regulamento estabelecido para o itinerário não foi cumprido. O Chinês, no domingo, entrou na avenida quase dez horas, o mesmo ocorrido com o Congos na terça-feira. Classificamos esta situação de uma total falta de respeito e consideração para com o imenso público que, desde às 19 horas, aguardava para assistir ao desfile. (...) passado o vexame, permanecem no ar as perguntas: O que os turistas têm a ver com as brigas internas dos clubes? (...) O carnaval foi uma vergonha, mas as conseqüências poderiam ser maiores se não fosse a presença, embora pequena, de um grupo de soldados da PM que evitou o encontro dos dois blocos. E se isso acontece, não tenham dúvidas, poderia haver morte.”

A mesma edição da Tribuna Sanjoanense faz uma retrospectiva do carnaval sanjoanense daquele ano, escrita por Célio Aquino.

“Para quem não vem acompanhando esses dois blocos através de sua própria história (...) o que houve na terça-feira gorda teria sido qualquer coisa de trágico, lamentável. No entanto, nós que vivemos toda a nossa vida seguindo, em cada carnaval os passos de Congos e Chinês, sabemos que a rivalidade entre esses dois blocos sanjoanenses sempre geraram esses fatos, que houve de novo. Pode ser que um dia tudo se transforme, como na teoria de Lavoisier.”

“Por defeito verificado no motor do carro alegórico dos Congos à hora da saída, somente o Chinês pode desfilas no domingo. Foi então que, Edmir Martins, presidente do Chinês, e outros diretores do clube do oriente participaram da mesa redonda do prefeito Genecy Mendonça que expôs aos dirigentes chineses, o que propunham os Congos (desfilas na segunda). Mas como seria previsto, os dirigentes do Chinês não concordaram com a proposta, arrematando, entretanto: - Só se o Chinês sair novamente primeiro, amanhã, terça-feira. Aí os Congos não concordaram porque o Chinês teria que sair por último como estava previsto em acordo firmado entre os blocos.”

Segundo Alberto Simões, que fez uma reflexão sobre o carnaval neste mesmo periódico de 1979 “o que tem o privilégio de atravessar a passarela em primeiro lugar, não dará passagem ao seu rival, alegando defeito em motores. (...) esta rivalidade expõe irmãos, filhos e netos uns contra os outros (...) vai ser difícil gastar-se tanto dinheiro e horas de trabalho expondo seus entes queridos nas carnificinas que não se concretizou por um milagre”.

Independente deste fato ocorrido, a Tribuna Sanjoanense mostra a força do carnaval de rua de São João da Barra com a crítica de um grupo anunciando um filme do cinema local enfocando as “pulgás” como personagem principal, o folião solitário que também foi outro tipo marcante no carnaval e o sanjoanense Romi que brincou com a fantasia do “Fantasma”. Além disso, teve o bebê de proveta que contribuiu para incrementar o carnaval de rua. No domingo, a Banda Maluca, do Ezinho, já tradicional, atraiu a atenção dos visitantes. E de sábado a terça, grupos de pessoas fantasiadas eram vistos pelas ruas a todo o momento.

A Escola de Samba Tamborim de Ouro, do mestre Mendonça, também desfilou naquele ano, assim como o bloco União das Flores. Outra brincadeira marcante no carnaval de 79 foi o boneco “Mijão”, de Zinho, distribuindo para os foliões uma bebida que ganhou o nome de Três Tombos. Era uma mistura de várias bebidas feita por Zinho (Jovenil Azevedo) que também teve participação de Alcindo Oliveira Antunes, Carlos Osmar Cardoso, José Valiengo, João Oscar e Fernando Arilton.

E falando em brincadeira, uma das que duram até os dias atuais, é a Banda Maluca. Surgida pelo final dos anos 30, durante muito tempo foi chefiada por Amédio Maria e outros antigos carnavalescos. Depois se juntou ao Mendonça e a Ezinho. Esta banda saiu pela primeira vez do velho sobrado de Chico Oliveira e é formada por gente soprando instrumentos de todo o tipo, a maior parte sem entender nada de música, e visitando diversas casas no período de carnaval. Ezinho utilizava uma farda da marinha e seria o maestro da banda. Este posto, depois de seu falecimento foi ocupado por seu filho Marcinho e agora é ocupado por seu neto Fabrício Berto.

Elvo da Graça Raposo, em sua crônica “O melhor carnaval do mundo”, republicada na Revista do Carnaval e do Verão, faz alusão a esta maluquice carnavalesca.

“(...) a Banda Maluca, regida pelo dono de uma padaria, o Ezinho, que nada entende de música, que tem bigode de chinês e o coração de congo. Ezinho que traja com imponente uniforme de gala e rege aquela impressionante maluqueira com o maior

desfaçatez deste mundo, com a seriedade com que o maestro Karabcheviscky regia a filarmônica de Berlim”.

A evolução é inevitável. Em 2007, por exemplo, uma mega infraestrutura era montada na Avenida Joaquim Thomaz de Aquino Filho com 36 mil watts distribuídos em 56 caixas de 800 watts cada uma e 120 mil watts de luz decorativa e mais 70 mil apenas para os 500 metros da avenida dos desfiles que teve, ainda, o asfalto pintado.

E o carnaval sanjoanense tipo exportação começa a colher frutos. A carnavalesca Marinez Azevedo venceu o Concurso de Fantasia do Hotel Glória, no Rio de Janeiro, em 2005, na categoria luxo feminino, com a fantasia “Aurora dos deuses”.

Um dos grandes lamentos do carnaval sanjoanense foi pelo término da tradicional Boneca do Waldir, criada pelo médico Waldir Simões, por volta de meados dos anos 70. O organizador não diz quantos anos a boneca tem e, em tom de brincadeira, diz que “mulher nunca diz a idade”. Originária de um boi pintadinho, iniciou sua história batendo de casa em casa. O boi foi criado por Eraldo Riscado e um grupo de amigos, mas como o boi sempre deu muita briga, o irmão de Waldir, o Walter, deu a ideia da boneca que inaugurou majestosamente a avenida Liberdade, em Grussaí, por onde sempre desfilou. Segundo o jornal Folha da Manhã, de 20 de fevereiro de 2003, houve 50 mil foliões acompanhando a boneca.

“O acidente ocorrido na Boneca do Waldir que acabou impedindo o desfile do bloco e machucando dezenas de pessoas, deve servir de lição para o próximo carnaval. Mesmo não tendo este comentário o intuito de criticar quem quer que seja, é inevitável abordar o assunto sem analisar responsabilidades. Como premissa é fundamental considerar o município de São João da Barra como o grande anfitrião do carnaval e como tal, cabe aos seus mandatários as providências necessárias para assegurar uma festa de paz e com segurança. O governo precisa ver a realização da Boneca como um evento do município e não uma iniciativa particular em que está meramente apoiando”. (Folha da Manhã, 05 de março de 2006)

Surge também, em Grussaí, do outro lado da lagoa, o Boneco Batoré, fundado por Paulo Roberto, que arrasta dezenas de milhares de pessoas nos dias de momo. O mesmo acontece com o Boi Danado que também arrasta uma multidão desde 2009 e faz alegria dos foliões do outro lado da lagoa. Apesar de jovem, o Boi Danado já deu cria: o Boi Danadinho, que diverte a criançada e muitos adultos. A manifestação folclórica é mais uma das atrações que fazem parte da programação organizada pela Prefeitura. Com direito à bateria, canção-enredo e muita alegria, os bois colocam todo mundo para dançar e acompanhar a festa.

O carnaval de São João da Barra se tornaria um grande espetáculo. Segundo o caderno de Economia do jornal Monitor Campista, na edição de 21 de fevereiro de 2006, a previsão era de o município sanjoanense receber cerca de 400 mil pessoas, movimentando cerca de R\$ 6 milhões. A decoração daquele ano, segundo o jornal O Fluminense, teria 1440 confetes gigantes, espalhados nas estruturas de ferro montadas na avenida.

Até o jornal O Globo se rende à folia sanjoanense, ressaltando os atrativos do carnaval, na matéria com o título “São João da Barra, a dona da festa”.

“No Norte do estado, a maior cidade, Campos, tem um carnaval fraco. Os campistas fogem para a praia ou para a vizinha São João da Barra, de 25 mil habitantes, que parece se guardar o ano todo para a folia. (...) nos últimos 20 anos, ganhou fama de ser dona do melhor carnaval da região. No domingo e na terça-feira, quando saem os dois blocos oficiais, cada paralelepípedo da velha cidade se arrepia, numa disputa acirrada”.

E o carnaval campista sempre faz homenagens a São João da Barra, seu povo e sua história, como o fez o carnavalesco Dejavoir de Souza, da escola de samba Madureira do Turf, no carnaval de 2007, como mostra o jornal Folha da Manhã, do dia 01 de fevereiro de 2007.

“(...) O Pontal de Atafona é um dos lugares mais bonitos do município. Tenho afeição muito grande pela prefeita Carla Machado. Desejei homenageá-la e o povo sanjoanense este ano.”

A revista do Carnaval e do Verão, na crônica do sanjoanense Elvo da Graça Raposo, mostra todo o amor do membro da Academia Campista de Letra pela festa de momo realizada em sua terra natal.

“Para o carnaval deste ano, está decidido: eu vou novamente a São João da Barra. Não faço por menos. Vou ver, outra vez, o melhor carnaval do mundo. Nada me impedirá de vibrar com os mais fabulosos carnavalescos que existem atualmente, carnavalescos da gema, que brincam seriamente, que brincam a valer. Durante o dia, quero ver a beleza colorida dos desfiles dos dominós, elegantes e misteriosos; quero ouvir os irreverentes e inconfidentes “mascarados sujos” que saem aos bandos. (...) é preciso viver o carnaval de São João da Barra para se sentir, em toda a sua plenitude, o esplendor da sua sadia e espontânea beleza.

Obviamente que aqueles tempos não voltam. Os mascarados estão mais escassos, as críticas também. Há diversas brincadeiras, invasão de abadas, mas como o bloco Raiz, por exemplo, arrasta uma gama de pessoas cantando marcha-rancho, idealizada pelo jornalista Edevigens Monteiro Cardozo, além do Bloco dos Mascarados, também ideia do jornalista. Mas nos últimos tempos, o maior resgate dos antigos carnavais sanjoanenses surgiu com a ideia do I Concurso de Marchinhas Carnavalescas de São João da Barra, que em sua primeira edição homenageou o notório compositor Jack Azevedo, realizado neste ano, no Cine Teatro São João. O projeto foi patrocinado pela LLX, empresa que se instalou no município para gerenciar a logística do Porto do Açú e Distrito Industrial, e teve apoio da prefeitura de São João da Barra. Com o tema sendo obrigado a tratar de São João da Barra, nas modalidades marchinha tradicional e marcha-rancho, vinte e nove participantes se inscreveram e os dez finalistas gravaram um CD. A música vencedora foi a marcha-rancho “Amor de carnaval” com letra, arranjo e composição da sanjoanense Janine Gaia.

Naquele tempo, em que eu vivia | Enamorado com alegria | Se fez saudade, se fez lembrança | Hoje eu recordo feito criança a brincar | A melindrosa que dançava à Joaquim Thomaz | Eu de palhaço te olhava ao Cais do Imperador | E ao som da União das Flores | Entre olhares nasceu o nosso amor | E ao som da União das Flores | Entre olhares nasceu o nosso amor | Amor de Carnaval | Ligeiro sonho em três dias de folia | No Democrata e Operários te encontrei | Bailes inesquecíveis | Mas como nada é

perfeito | Tu és Congos e eu sou Chinês | E enquanto a índia no cavalo foi desfilar | A gargalhada no Oriente eu fui dar | Rá rá rá rá | Findou o Carnaval, tu foste embora | Em São João da Barra eu fiquei | Ano que vem talvez eu possa te encontrar | Amor de Carnaval é eterno enquanto durar | Amor de Carnaval | Ligeiro sonho em três dias de folia | No Democrata e Operários te encontrei | Bailes inesquecíveis | Mas como nada é perfeito | Tu és Congos e eu sou Chinês | E enquanto a índia no cavalo foi desfilar | A gargalhada no Oriente eu fui dar | Rá rá rá rá | Findou o Carnaval, tu foste embora | Em São João da Barra eu fiquei | Ano que vem talvez eu possa te encontrar | Amor de Carnaval é eterno enquanto durar

A entrada do poder econômico e político no carnaval foi importante porque deixou de ser uma festa da desordem, para ser um evento com regras. As alegrias individuais, quase não mais visíveis, não têm espaço. Hoje são as alegrias coletivas, ordenadas por regras e determinações formadas por agremiações, sociedades e blocos. As escolas de samba são exibidas para turistas brasileiros e estrangeiros, e para espectadores no mundo inteiro, como um espetáculo limitado no tempo de duração, adaptado às imposições tecnológicas da mídia televisiva, subordinada, ela mesma, a interesses publicitários. Esse é o novo carnaval, modernizado.

Em São João da Barra o produto é mais político-social que econômico, já que não existe premiação, a mídia cobre o espetáculo de forma espontânea. O que acontece é um total envolvimento da população para colocar suas escolas na rua, muitos tirando dinheiro do próprio bolso para confeccionar suas fantasias, no simples gosto de desfilar e no final dizer que saíram vencedores.

Numa composição entre tecnologia e cultura, desde o carnaval de 2005 se transmite em tempo real, on-line, essa manifestação popular, como menciona matéria jornalística da secretaria de Comunicação Social no site oficial da prefeitura, no dia 03 de março de 2006:

“O que parecia impossível há anos atrás, já é realidade. A secretaria de Comunicação de São João da Barra utilizando a tecnologia disponível transmitiu pelo segundo ano consecutivo o carnaval de São João da Barra via internet, em tempo real. Uma câmera foi instalada na avenida do samba, em local estratégico, conectada a um computador que transmitiu on-line toda a movimentação do melhor carnaval do interior do estado. A alemã Selma Nohaus que ano passado veio para o Brasil por uma agência de intercâmbio (AFS), ficou todo o período de carnaval na casa de seus “pais brasileiros”, na praia de Atafona e caiu no samba desfilando com a camisa da Escola de Samba Congos. Mantendo sempre contato com a alemã, os pais brasileiros disseram que por telefone ela falou ter assistido de Frankfurt ao carnaval de São João da Barra via internet, pela página oficial do município www.sjb.rj.gov.br.”

Realmente é algo inexplicável o que ocorre com o carnaval de São João da Barra. As escolas de samba mais tradicionais, Congos e O Chinês, não recebem prêmio, e conseguem condensar nos dias de folia toda uma movimentação popular arraigada numa das mais acirradas rivalidades conhecidas em terras brasileiras. Realmente quem é Montechio não pode ser Capullete. Esta essência misturada à festa de rua, com mascarados, homens virando mulher e vice-versa, sátiras, brincadeiras, bandas musicais dos mais inusitados estilos, atraem públicos de diversos lugares do País e até do exterior. A mídia espontânea mostra como é atrativo mostrar o diferencial de São João da Barra quando o assunto é carnaval. É o único período do ano onde as pousadas estão com 100% de lotação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIRRE, Daniel Torrales. Jornalismo Científico e Cultura Popular. In: **Comunicação e Sociedade**. São Paulo: Instituto Metodista de Ensino Superior, Centro de Pós-Graduação em Comunicação Social, 1989, p. 101-107.
- AQUINO, Célio de Souza. **Retrato Antigo Duma Cidade**. São João da Barra/RJ: Cultura Goitacá Editora, 2001.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Teoria e Metodologia**. São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 2004.
- BENJAMIN, Roberto. Estratégias de Sobrevivência das culturas regionais em face do processo de globalização. In: BREGUEZ, Sebastião. org **Folkcomunicação: Resistência cultural na sociedade globalizada**. Belo Horizonte: Núcleo de Pesquisa em Folkcomunicação da Intercom, 2004, p. 25-30.
- BREGUÊZ, Sebastião. Comunicação, Folclore e Globalização. In: BREGUEZ, Sebastião. org **Folkcomunicação: Resistência cultural na sociedade globalizada**. Belo Horizonte: Núcleo de Pesquisa em Folkcomunicação da Intercom, 2004, p. 31-38.
- Cadernos da Comunicação 17: Folkcomunicação – a mídia dos excluídos, Série Estudos**. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, março de 2007.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro-Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 7ª edição, 1993.
- FERREIRA, Felipe. **O livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- _____, Felipe. In: Prefácio do **Guia do Carnaval de Rua do Rio de Janeiro**. São Paulo: BEI Comunicação, 2007, p. 05-07.
- FILHO, Severino Alves de Lucena. Do ex-voto ao folkmarketing. In: BREGUEZ, Sebastião. org **Folkcomunicação: Resistência cultural na sociedade globalizada**. Belo Horizonte: Núcleo de Pesquisa em Folkcomunicação da Intercom, 2004, p. 55-66.
- MELO, José Marques de. **História Social da Imprensa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- _____, José Marques de. Introdução à Folkcomunicação – gêneses, paradigmas e tendências. In: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: Teoria e Metodologia**. São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 2004. p.11-24.
- MORAIS, Régis de. **Estudos de Filosofia da Cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- PINTO, João Oscar do Amaral. **Apontamentos para a história de São João da Barra**. Teresópolis: Mini Gráfica Editora, 1977.
- SÁ, Carlos AA de. **Zériques – Um Jornalista Político na Província Fluminense**. Rio de Janeiro: Cultura Goitacá, 1995.

SCHMIDT, Cristina. Em barro, cenas de uma modernidade. In: BREGUEZ, Sebastião. org **Folkcomunicação: Resistência cultural na sociedade globalizada**. Belo Horizonte: Núcleo de Pesquisa em Folkcomunicação da Intercom, 2004, p. 39-42.

SIGRIST, Marlei. **Chão Batido – a cultura popular de Mato Grosso do Sul, Folclore-Tradição**. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2000.

_____, Marlei. Identidade do carnaval brasileiro. In: **Anuário 5 de Comunicação Regional**. São Bernardo do Campo/SP: UNESCO/UMESP, 2001, p. 43-58.

_____, Marlei. Co-existência pacífica da tradição com a modernidade: a produção da cultura popular no mundo globalizado. In: BREGUEZ, Sebastião. org **Folkcomunicação: Resistência cultural na sociedade globalizada**. Belo Horizonte: Núcleo de Pesquisa em Folkcomunicação da Intercom, 2004, p. 43-54.

Síntese da história do carnaval carioca. Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Patrimônio Cultural, Divisão de Pesquisa da Manifestação Cultural, 1986.

SOARES, Orávio de Campos. **Muata Calombo – consciência e destruição**. Campos dos Goytacazes/RJ: Editora Fafic, 2004, p. 25 – 31; 102-107

REFERÊNCIAS HEMEROGRÁFICAS

A Gaivota. São Gonçalo/RJ: Editora Dados. Março de 1976.

Jornal A Evolução. São João da Barra/RJ, 19 de fevereiro de 1939.

Jornal Folha Nova. São João da Barra/RJ, Fevereiro de 1976.

Jornal Folha da Manhã. Campos dos Goytacazes/RJ, 05 de março de 2006.

Jornal Monitor Campista. Campos dos Goytacazes/RJ, 28 de agosto de 2005.

Jornal O Fluminense. Niterói/RJ, 20 de fevereiro de 2006.

Jornal O Globo. Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 2005.

Jornal Tribuna Sanjoanense. São João da Barra/RJ, 04 de março de 1979.

Revista do Carnaval e Verão. Campos dos Goytacazes. 2004.

SILVA, Norma Felicidade L. da. O sentido da cultura. In: **Comunicarte**. Campinas/SP: Instituto de Artes e Comunicação da PUC, 1989/1990, p. 84-88.

TARGINO, Maria das Graças. Divulgação de resultados como expressão da função social do pesquisador. In: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, janeiro a junho de 2001, p. 11-35.